

NO INCÊNDIO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS

TOTAL DESTRUIÇÃO DE UM MUSEU COM PEÇAS ÚNICAS NO MUNDO



A destruição total de um museu que incluía peças únicas no Mundo, de uma biblioteca com volumes raríssimos, todo um trabalho de investigação destruído e adiado, para além dos prejuízos do edifício e o risco de perda de ano para que foram atirados cerca de três mil alunos, constitui o saldo dramático do incêndio que deflagrou, ao princípio da madrugada de hoje (ao que se pensa com intenções criminosas), na Faculdade de Ciências de Lisboa.

O Presidente da República, juntamente com outras individualidades, viveu no local as horas angustiantes que o sinistro provocou até ao completo isolamento dos laboratórios do sector de Química, que, a serem atingidos, provocariam uma catástrofe que se estenderia, também, pelos edifícios fronteiros à Faculdade.

Ao lado: uma fase do combate ao fogo durante a madrugada. Em baixo: os escombros dos pavilhões prefabricados, de onde brotaram as chamas para todo o edifício.



● Reportagem de JOSÉ LEITE PEREIRA e N. VEIGA com fotos de CORRÊA DOS SANTOS, JOSÉ ANTUNES e MIRANDA CASTELA

Págs. 18 e 19

ALI BHUTTO CONDENADO À MORTE



Centrais

FRANÇA: RENOVAÇÃO OU CONTINUIDADE?

Os franceses vão amanhã às urnas, para escolherem entre a renovação e a continuidade. Durante as últimas horas de ontem, no termo da campanha eleitoral, os dirigentes políticos apelaram mais uma vez para a disciplina de voto, procurando combater o que poderá constituir o maior dos males na 2.ª volta do escrutínio: a desmobilização.

● Noticiário e telex do nosso enviado especial BERNARDINO COELHO

Pág. 15

O fogo na Faculdade de Ciências

Prejuízos incalculáveis no património cultural e científico

«**A**QUI há duas coisas que me parecem muito mal: primeiro, este fogo parece-me muito esquisito, «cheira-me» mal; segundo, tenho a lamentar que os projectos dos edifícios do Estado não sejam submetidos à nossa apreciação sobre o aspecto de segurança» — palavras do comandante dos Sapadores Bombeiros, Teixeira Coelho, às 5 da madrugada, num curto diálogo travado com o ministro da Educação e Cultura, a propósito do pavoroso incêndio que deflagrou, às primeiras horas de hoje, na Faculdade de Ciências de Lisboa.

Foram horas dramáticas, as que se viveram na Rua da Escola Politécnica, a partir das 1 e 30: céu vermelho, daquele que se diz ter cor de fogo, labaredas imensas, um enorme edifício a arder perante o olhar atónico de centenas de espectadores atraídos pelas sirenas estridentes dos bombeiros e pe-

O incêndio consumiu, entre muitos documentos, teses de doutoramento, destruindo, assim, valiosos trabalhos de investigação

lo clarão no céu. E, enquanto os bombeiros atacavam o fogo, viveram-se entre os espectadores petrificados, momentos de angústia e drama, principalmente por parte de professores e alunos da Faculdade, os únicos que, desde início, sabiam os prejuízos que o património português estava a sofrer:

«Centenas de milhares de contos só em material» — assegurava-nos uma professora. Mas havia bibliotecas, um museu com peças únicas no Mundo e isto não tem preço nem possibilidade de reconstituição.

obrigada a afastar-se. A missão dos bombeiros centrou-se nesse sector, procurando isolar as salas da Química pois, se estas pergissem, haveria que evacuar os moradores de todo o quarteirão dado que a explosão seria de grandes proporções. «Toda a Lisboa a sentiria» — afirmou-nos um professor da escola.

Foram esses os momentos de maior pânico. Entre os bombeiros, incluindo-se das operações em curso, percorrendo os jardins que rodeiam o edifício, o Presidente da República, accompa-

nhado do governador civil de Lisboa, não quer perder o mais pequeno pormenor do ataque ao sinistro; escuta todos os que lhe podem trazer novos dados e oferece, ao comandante das



Ramalho Eanes esteve, de madrugada, no local do sinistro, acompanhando as operações de combate ao fogo durante cerca de duas horas

corporações presentes, o auxílio das Forças Armadas, auxílio que não passou de hipótese dada que não chegou a ser necessária a sua intervenção. Concretamente, Ramalho Eanes sugeriu a utilização de viaturas militares para a evacuação dos moradores caso não fosse possível evitar que o fogo avançasse sobre os laboratórios de Química. Este foi, efectivamente, o grande drama das primeiras horas: a professora Marieta Silveira, presidente do Conselho Científico da Faculdade de Ciências, chegou mesmo a afirmar a Ramalho Eanes que, se fosse caso disso, ela própria entraria nas salas do sector de Química para ajudar

o a tomar medidas de extrema precaução em relação aos moradores no quarteirão fronteiro ao edifício. Ramalho Eanes retirou-se, às 4 horas quando obtive a garantia de que a situação estava controlada mas não sem que, antes, por medida de precaução, tivesse solicitado a presença de uma das viaturas de espuma que fazem serviço normal no aeroporto.

FOGO POSTO — UMA HIPÓTESE A CONSIDERAR

Pelas palavras, já atrás expressas pelo comandante dos bombeiros, se depreende que é

de considerar a hipótese de a Faculdade de Ciências ter sido alvo de um acto criminoso. A possibilidade de se tratar de fogo posto começou, com efeito, a ganhar forma à medida

disseram não sabia funcionar com o PBX) e deu o alarme. Descobriu o fogo nos pavilhões prefabricados.

Estes pavilhões situam-se na ala central do edifício e foram construídos há catorze anos; estão revestidos a esferovite, óptimo alimentador das chamas que dali se propagaram por todo o prédio. O comandante Teixeira Coelho referir-nos-ia, mais tarde, que se tivesse havido uma vistoria nunca um inspector de incêndios autorizaria uma coisa daquelas.

A estranheza do comandante Teixeira Coelho, e a nossa, nasce do facto de se saber que um funcionário desligara, às 23h30, a luz em todo o edifício. Nos pavilhões prefabricados não havia nem caloríferos, a gás nem nada que pudesse fazer brotar as chamas apenas mobiliário.

António, empregado há trinta anos na Faculdade, confirmou-nos que desligara, como sempre, a luz e assegurou-nos que para além de funcionários citados não estava mais ninguém na Faculdade.

«Não demos por nada. Só vigilante nocturno é que descobriu o fogo. Ficou aflito porque os extintores há muito que desapareceram do sítio onde deviam estar» — referiu-nos.

Assim, afastada a hipótese de curto-circuito, resta apenas saber se alguém conseguiu impedir a vigilância dos funcioná-

A AUTORIA DO FOGO RECLAMADA POR UM GRUPO DE EXTREMA DIREITA

Às 4 e 45 da madrugada, por telefonema feito para a redacção da Anop, um indivíduo que disse ser o «comando zebra» da Codeco (Comando de Defesa da Civilização Ocidental), organização secreta que se reclama como de extrema direita, reivindicou a autoria do incêndio.

«Fomos nós que lançámos fogo à Faculdade — esclareceu — por meio de um sistema deflagrador, com comando à distância, utilizando para isso uma mistura de açúcar, ácido sulfúrico e clorato de potássio.» E esclareceu que o fogo deflagrara numa dependência ao lado da sala do desenho.

Disse ainda que representava um grupo de estudantes da extrema direita, os quais não admitiam «a traição do C. D. S. ao Governo». Exigiam a libertação dos bombistas e advertiam: «Se o seu julgamento chegar à parte final, iremos continuar a luta armada, destruindo para já todas as faculdades e escolas.»

Cautelosamente, pediu que a notícia não fosse publicada nos jornais. Aliás — concluiu —, «nós já avisámos o 115 e a Polícia».

Refere a Anop, que, recebido o telefonema, entrou em contacto com o 115 (Serviços de Urgência de Ambulâncias) e com o oficial de serviço da P. S. P. Um e outro desmentiram formalmente que tivessem recebido qualquer aviso nesse sentido.

da Faculdade de Ciências, onde, aliás, reside; como todas as noites, fez a guarda ao edifício até cerca da meia-noite e esperou o camarada que o rendeu; conversaram um pouco, despediram-se e o vigilante nocturno iniciou a ronda que o seu camarada terminara pouco antes. Vitor Amaral garantiu-nos: «Estava tudo normal, não me apercebi de nada nem de ninguém.»

Pouco depois, porém, o vigilante nocturno Isidoro Pinto correu para a rua (ao que nos

disseram não sabia funcionar com o PBX) e deu o alarme. Descobriu o fogo nos pavilhões prefabricados.

Estes pavilhões situam-se na ala central do edifício e foram construídos há catorze anos; estão revestidos a esferovite, óptimo alimentador das chamas que dali se propagaram por todo o prédio. O comandante Teixeira Coelho referir-nos-ia, mais tarde, que se tivesse havido uma vistoria nunca um inspector de incêndios autorizaria uma coisa daquelas.

A estranheza do comandante Teixeira Coelho, e a nossa, nasce do facto de se saber que um funcionário desligara, às 23h30, a luz em todo o edifício. Nos pavilhões prefabricados não havia nem caloríferos, a gás nem nada que pudesse fazer brotar as chamas apenas mobiliário.

António, empregado há trinta anos na Faculdade, confirmou-nos que desligara, como sempre, a luz e assegurou-nos que para além de funcionários citados não estava mais ninguém na Faculdade.

«Não demos por nada. Só vigilante nocturno é que descobriu o fogo. Ficou aflito porque os extintores há muito que desapareceram do sítio onde deviam estar» — referiu-nos.

Assim, afastada a hipótese de curto-circuito, resta apenas saber se alguém conseguiu impedir a vigilância dos funcioná-

rios e introduzir-se na escola para praticar tão criminoso acto.

DIFICULDADE NO ATAQUE AO INCÊNDIO

No ataque ao incêndio, dadas as suas proporções, estiveram empenhadas todas as corporações de bombeiros de Lisboa, tendo ainda comparecido o batalhão de Algés, num total de cerca de quinhentos homens e setenta viaturas.

Escusado se tornará salientar o espírito do sacrifício pa-

trilhado pelos soldados da paz. Na verdade, como sempre acontece, eles foram extraordinários de voluntariedade, ao se furtando aos enormes pesos a que se expunham, apesar da certeza, desde cedo adquirida, que seria impossível sair das chamas altas e as fumos grandes perto do edifício.

Cabrá aqui referir que a ação dos bombeiros foi altamente prejudicada por factores que lhes eram completamente

Todo o quarteirão fronteiro à Faculdade correu sérios perigos, tendo Ramalho Eanes posto à disposição do comandante dos bombeiros, os serviços das Forças Armadas para uma eventual evacuação dos moradores da zona

obtidos. Doixando de lado a estrutura do edifício (a que hábito nos referimos) muito mais e comportamento grande quantidade de velhas madiças, os bombeiros tiveram ainda a lutar com problemas de abastecimento de água, não só que se refere ao reduzido número de bocas de incêndio, mas também com uma arreliaza falta de pressão nas canalizações que forçou a paralisção de alguns agulhetas.

Como se tudo isto não fosse suficiente, tornou-se ainda mais difícil o ataque ao fogo pelas zonas laterais do edifício, principal mente do lado do Príncipe Real, uma vez que lá se estavam a realizar obras de restauração as quais impediram o acesso das viaturas dos bombeiros.

Com a angústia estampada no rosto, os soldados da paz não escondiam, por vezes, o seu desalento, deixando escapar afirmações próprias de quem estava prestes a dar-se por vencido. Entretanto, milhões de cidadãos anónimos insistiam-lhes para a necessidade de desintoxicação provocada pelo fumo, e eis lá voltavam para batalha contra as chamas, alheios às explosões que, de vez em quando, se ouviam, conseguindo, no final, evitar o pior e dominar o incêndio, depois de uma luta que se prolongou por várias horas.

SALVOU-SE O MICROSCÓPIO ELECTRÓNICO

Quantificar os prejuízos produzidos pelo incêndio é tarefa impossível, se não mesmo hipotética. Quando muito poderá-se calcular o valor dos aparelhos científicos destruídos e da parte do edifício (mais de metade) consumida pelo fogo.

Quanto ao material científico e cultural que para sempre se perdeu parece-nos difícil formular qualquer tentativa de avaliação.

Conforme nos declarou a professora Marieta Silveira, é incalculável o valor do recheio do Museu Bocage, o único museu de História Natural existente no nosso país, onde se encontravam muitas peças únicas do Mundo.

Outra das grandes preciosidades perdidas foi o Laboratório de Física, já muito antigo

mas nem por isso menos valioso. Devorados pelas chamas foram ainda as secções de Física e Matemática, a Biblioteca da Faculdade, as Salas de Zoologia, enfim, um nunca acabar de riquezas cujo desaparecimento empobrece, sobremaneira, o património cultural do País.

Como seria natural, foi com enorme desespero que professores e alunos da Faculdade assistiram a este trágico incêndio. Muitos deles tentaram —

bora se tenha salvo uma das peças mais valiosas — um microscópio electrónico do Laboratório de Botânica — que havia sido comprado, há já alguns anos, por dois mil e oitocentos contos.

TODA A GENTE SABIA QUE HAVIA PERIGO DE INCÊNDIO...

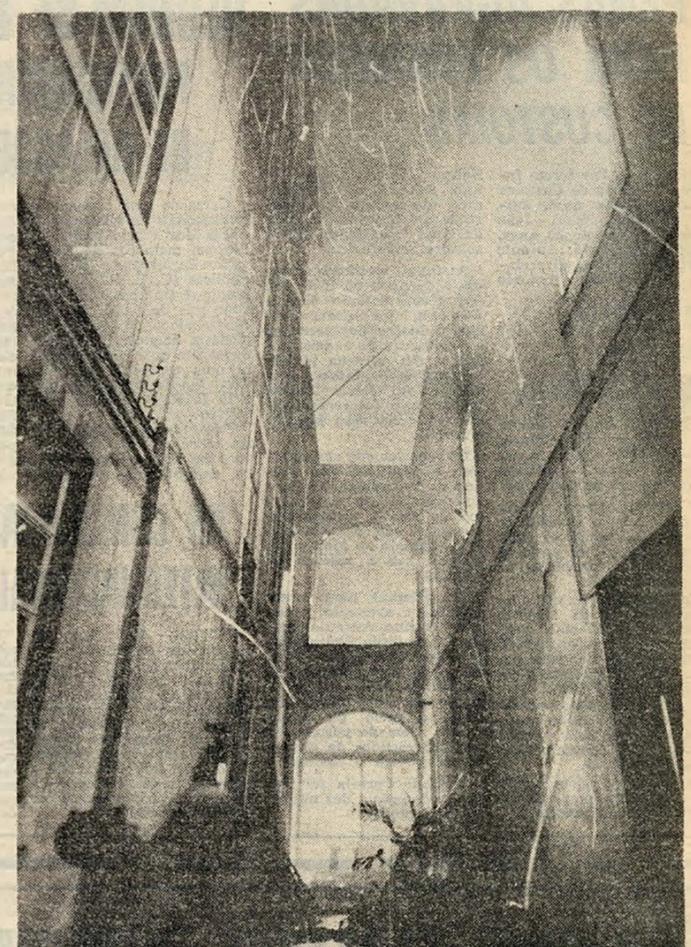
O edifício da Faculdade de Ciências data de antes do terremoto de 1755, tendo sido posteriormente reconstruído sob a orientação do Marquês de Pombal. Ali funcionou o Colégio dos Nobres até ao advento da República, dando origem, a partir de então, à Escola Politécnica, nome que aliás ainda se mantém na rua fronteira ao edifício.

Construção antiga, não houve, infelizmente, o cuidado de a dotar das estruturas capazes e à altura da tarefa que desempenhava.

Com efeito, segundo nos revelou a presidente do Conselho Científico, Marieta Silveira, já há três anos deflagrou um incêndio nas instalações da Faculdade. Nessa altura, segundo o que nos disse, os bombeiros iam a passar na rua e atacaram o sinistro de imediato. No entanto, ninguém tomou qualquer providência. O incidente serviu, apenas, para que aquele conselho opinasse, ao ministro de então, um relatório, pormenorizando os riscos a que a escola estava sujeita. Do então para cá, numerosas comissões têm tratado do problema mas nunca foram tomadas as necessárias disposições.

Um outro professor, este do Conselho Directivo, repetiu-nos-lhe aquelas informações e adiantava que, há dois anos, foi rejeitado um moderno sistema de alarme contra incêndio, por ser muito caro.

Mais tarde, dominado o fogo, pretendemos saber do co-



No interior da Faculdade de Ciências, as faúlhas fazem propagar o incêndio para várias dependências

mandante dos bombeiros quais os edifícios considerados vulneráveis na zona de Lisboa, sendo-nos afirmado que toda a Baixa pombalina oferecerá muitas dificuldades em caso de in-

cêndio; para além disso, os edifícios da Baixa têm sido submetidos a constantes alterações de instalação eléctrica, com aumento da voltagem pelo que até não haverá um con-

trolo da situação. Para além disso foi-nos citado o Museu do Trajo, o Palácio Fox (onde funciona a Secretaria de Estado da Comunicação Social) e o Teatro do S. Carlos, embora neste último se esteja a proceder a obras que, neste aspecto, muito o beneficiarão.

A SITUAÇÃO DOS TRÊS MIL ALUNOS

Sottomayor Cardia surgiu no local do sinistro pouco depois do Ramalho Eanes o ter abandonado e aí se manteve durante quase duas horas intorrendo-se, juntamente com o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, o director-geral do Ensino Superior e o reitor da Universidade Técnica dos avultados prejuízos que o incêndio causou naquele estabelecimento da sua tutela.

Relativamente à situação dos três mil alunos que frequentam a Faculdade, Cottomayor Cardia referiu ser ainda muito cedo para se avaliar a possibilidade de se transferir para outras instalações dado que é difícil encontrar um edifício que possa, para além de os albergar, proporcionar instalações capazes para os laboratórios.

Sobre este mesmo assunto, o presidente do Conselho Científico opinou que os estudantes não terão, certamente, hipótese de vencer o ano lectivo, pelo facto de isso ser humanamente impossível.

Refira-se, a propósito, que estava já aprovado o projecto para a construção de um primeiro pavilhão na Cidade Universitária destinado à instalação de algumas dependências da Faculdade de Ciências, cujas obras certamente agora o seu início apre-



Em plena noite, o volume e intensidade da chamas destacam-se nas janelas do edifício

Um verdadeiro exército de «soldados da paz», com cerca de 500 homens de todas as corporações de Lisboa e Algés, conseguiu impedir que as chamas atingissem a zona vital do edifício, onde estavam instalados os laboratórios de química, com produtos explosivos e radioactivos

Texto de JOSÉ LEITE PEREIRA e N. VEIGA • fotos de JOSÉ ANTUNES, CORRÊA DOS SANTOS e MIRANDA CASTELA